
PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011. 208 p.

Flávia Ferreira Pires

Universidade Federal da Paraíba – Brasil

O Brasil das “confusões intemperantes”

As ideias do livro *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil* foram refinadas ao longo de quase 30 anos de dedicação à pesquisa em história, antropologia e sociologia. O livro tem a vantagem de unir uma série de textos já publicados em um único volume, dando ao leitor a oportunidade de apreciar o desenvolvimento dos argumentos da autora, professora Léa Freitas Perez. Seu argumento central é que festa, religião e cidade são “rochas sobre as quais fo(i) e est(á) erigid(o)” (Mauss, 1974, p. 42) o Brasil. Em outras palavras, são os pilares sobre os quais a sociedade brasileira se fez e se refaz continuamente. O prólogo de Roberto Motta anuncia o empreendimento de monta do livro: interpretar o Brasil. Em direção convergente às pesquisas de uma das referências primordiais do livro, Roberto DaMatta, a pergunta central é: “O que faz o Brasil, Brasil?”

Para respondê-la a autora lança mão ao longo do livro do conceito de “double-bind”, o duplo-vínculo de Gregory Bateson, conceito difundido no Brasil a partir dos textos de Otávio Velho e que poderia ser entendido como uma “série de experiências insolúveis”,¹ “injunções paradoxais [aporéticas], dupla postulação” (p. 23). No entanto, o conceito de duplo-vínculo acionado referencia-se sobretudo a Derrida, no sentido de “indecidibilidade”: “que remete ao senso mesmo da diferença e da inderterminação” em relação “à solução e ao fechamento de uma questão de pensamento” (p. 23). A festa, a cidade, o Brasil são “duplo-vinculantes”, isso quer dizer, impossíveis de serem

¹ Do original “unresolvable sequences of experiences” (Bateson et al., 1956, p. 253).

apreendidos em uma mirada cartesiana baseada na lógica da exclusão “ou isso ou aquilo”. O princípio de organização social que impera aqui é o da plasticidade e do movimento. O Brasil, tal qual Dona Flor, no romance de Jorge Amado, escolhe não escolher entre seus dois maridos,² acionando a lógica da complementariedade e da simultaneidade. O mesmo vale para a religião e para a festa. De um lado a religião brasileira é sincrética: não escolhe entre orixás e santos católicos, mas os combina. De outro a festa é o reino das ambiguidades, pobres e ricos, reis e plebeus produzindo sociedade, com toda a graça, pompa e êxtase que lhe é de direito.

“[O] encontro da estrutura carnavalizadora com a estrutura do poder” (p. 113) operada pela festa é um exemplo da sua natureza duplo-vinculante. Ao mesmo tempo, *simultaneamente* (que o leitor perdoe a redundância) a festa é da ordem e da desordem, enfatiza, mas também revê e questiona as estruturas políticas. É um momento que promove a “mística do dom”, segundo Mauss (p. 116), “um modo particular de existência”, segundo Bakhtine (p. 117), e que ancorou nas terras brasileiras, encontrando solo fértil.

Se Marcel Mauss é referência que permeia todo o livro, Pierre Sanchis – importante pesquisador das religiões no Brasil – está presente da dedicatória ao tema da festa, religião e cidade tratados como intrinsecamente relacionados. Gilberto Freyre, que como ninguém escreveu sobre a religiosidade doméstica, festiva e profana do Brasil colonial, também é presença constante no livro.

O livro é composto de cinco capítulos, além de uma “Nota introdutória”.

O capítulo “Por uma poética do sincretismo tropical” apela para a necessidade de ultrapassar o debate sobre a modernidade inacabada, muitas vezes acionada pelos “mais realistas que o rei” (Velho, 2007) para se compreender o Brasil. Lançando mão da ideia de que plasticidade e paradoxo aqui têm base sólida. Ela diz: “[o] Brasil é um problema para a lógica cartesiana” e opera da mesma forma que o pensamento religioso “pelas confusões intemperantes”, mas não ilógicas, para citar Durkheim nas *Formas elementares da vida religiosa* (p. 44). Essa sociedade que convive com os contrastes enquanto questões que suscitam reflexão e não enquanto problemas é também a sociedade da festa.

² Ideia retomada por Roberto DaMatta na conferência “The world of Jorge Amado” na British Library, em Londres, durante o mês de junho de 2012.

O capítulo “Para além do bem e do mal: um novo mundo nos trópicos” reconcilia o Brasil a Portugal, deixando de lado o discurso que culpa nosso passado colonial pelas mazelas que enfrentamos. “A colonização do Brasil foi uma obra de grande envergadura” (p. 53), “tributária da modernidade ocidental e de seu projeto civilizador”, todavia “orientada pela ética da aventura e por uma concepção espaciosa e otimista do mundo” (p. 62), cujo objetivo era obter com poucos custos riqueza e títulos sociais.

O capítulo “A constituição da rede urbana brasileira nos quadros da formação do mundo ocidental moderno” discorre sobre como a colonização portuguesa com a empresa da cana-de-açúcar estava ligada a um mercado europeu urbano; de modo que a colonização brasileira desde o início esteve ligada à cidade e não ao campo. Léa Perez fala da centralidade das festas na vida das vilas, arraiais e cidades brasileiras, e como a cidade/urbano é o lugar, por excelência, da festa, em contraposição ao que é próprio da zona rural.

Sobre o desenvolvimento urbano do Brasil a autora argumenta que se trata de um modelo híbrido. Portugal aplicou o esquema clássico inspirado na cidade ocidental, mas o modelo foi transformado pelas condições locais e pela colonização. Vale lembrar, como faz Gilberto Freyre em *Casa-grande e senzala*, que os portugueses eram eles mesmos “mestiços”, vindos de oito séculos de ocupação moura na Península Ibérica.

“Dionísio nos trópicos” destaca o deus Dionísio e sua propensão ao excesso, ao vinho, ao prazer, a festa, enfim. O barroco é aqui pensando como estilo de vida tropical, que une elementos a princípio contraditórios, “um operador de ligações entre diferenças incontornáveis” (p. 102) e uma “expressão do princípio dionisíaco em sua implantação tropical” (p. 119). O barroco tropical é essencialmente duplo-vinculante.

“Breves notas sobre a religiosidade brasileira” é o último capítulo. Nele, Léa Perez afirma que a religiosidade brasileira é “não moderna” e “[v]ivida teatralmente, pública e coletivamente” (p. 122). A religião ocupa lugar central na vida coletiva brasileira, que desde os períodos colonial e imperial desenvolvia-se na igreja (p. 143). A despeito dos esforços modernizantes de uma elite anticlerical e secular a população mostra-se ao longo da história fervorosamente religiosa e contradiz a ideia moderna e secular da religião como coisa do foro íntimo. “A religiosidade brasileira, compósita, essencialmente festiva e carnal, é uma das melhores demonstrações do caráter mestiço de

nossa sociedade e de sua maneira de operar através de hibridação de códigos e de pessoas.”

O livro – que foi organizado e reescrito durante a estadia da autora em Lisboa durante o ano de 2010, como pesquisadora visitante no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) –, termina com um posfácio que traça a trajetória das ideias desenvolvidas ao longo dos capítulos, através dos cursos ministrados na Universidade Federal de Minas Gerias, projetos de pesquisa coordenados e eventos onde foram debatidas.

O leitor deve ficar atento para não cair na armadilha fácil da crítica rápida aos conceitos de mestiçagem e sincretismo. A autora faz suas ressalvas quanto ao uso dos mesmos, principalmente em função das acepções ligeiras de que foram objeto e diz-se mais inclinada hoje em dia a trabalhar com o conceito de “duplo-vínculo” (p. 43-44). Sincretismo e mestiçagem não implicam uma confusão indistinta de elementos díspares, mas “um modo de operar que é da ordem da simultaneidade” (p. 43), um duplo-vínculo.

Ao mesmo tempo em que são simples, as ideias propostas no livro são inovadoras e funcionam como sopro de vida para os ouvidos acostumados a ouvir falar da festa apenas como reflexo da sociedade. A autora propõe pensar a festa como produtora da sociedade brasileira, como ato de produção da vida. Nesse sentido a festa não reflete o social, mas o funda. É preciso entender que a autora não afirma que a festa acontece em um vazio contextual e histórico, mas que a relação da festa com a sociedade é mais complexa que o simples reflexo. É uma obviedade socioantropológica afirmar que sociedades diferentes produzem festas diferentes. Não é essa a questão aqui em jogo. Muito mais, interessa à autora pensar as festas como “comunhão de sentimentos”, produção de vínculo social, na esteira da escola sociológica francesa, para responder a questão: o que nos liga, o que faz a sociedade?³ Por tudo isso mesmo, para entender a proposta do livro que “não [é] só sociológica, não [é] só antropológica, mas metassociológica e meta-antropológica”⁴ (p. 11) é fundamental uma leitura inteligente e criativa.

³ Para um aprofundamento do debate entre “festa-fato” e “festa-questão”, ou a “festa em perspectiva” e a “festa como perspectiva”, remeto o leitor ao recém-lançado *Festa como perspectiva e em perspectiva* (Perez; Amaral; Mesquita, 2012).

⁴ Roberto Motta, do “Prólogo”.

Liberada por Roger Bastide quando afirmou que para compreender o Brasil é preciso moldar-se em poeta (p. 47), gostaria de terminar parafraseando Chico Buarque citado poeticamente pela autora na sua “Nota introdutória”: o livro é bonito, pá, fiquei contente!

Referências

BATESON, G. et al. Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, v. 1, n. 4, p. 251-264, 1956.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. v. 2, p. 37-184.

PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

VELHO, O. *Mais realistas do que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.